



2ª Catequese: “CRISTO O SACERDOTE PERFEITO E DEFINITIVO”

Introdução

Nesta Catequese procura perceber-se, à luz da Palavra de Deus e da experiência da Igreja, que Cristo é o único Sacerdote para o Povo de Deus. Em que medida temos consciência disso quando celebramos os sacramentos, sobretudo a Eucaristia? Quando nos queixamos dos sacerdotes ou gostamos muito de alguns, não estaremos a esquecer que o único Sacerdote que nos interessa é Cristo; os sacerdotes deste mundo, nas suas virtudes e nos seus defeitos, só são sacramentos de Cristo Sacerdote. Só Ele faz a ponte entre nós e Deus. Quando os sacerdotes deste mundo fazem o que devem fazer nas vezes de Cristo, nunca os seus pecados impediram que Cristo seja, para o Seu Povo, o verdadeiro Sacerdote.

Todo o sacerdócio no Antigo Testamento preparou e anunciou a plenitude sacerdotal de Jesus Cristo. O sacerdócio da Igreja, Povo nascido da Páscoa, prepara a função sacerdotal na Casa do Pai, onde Cristo será o único e definitivo Sacerdote e toda a assembleia dos bem-aventurados será sacerdotal, unida a Cristo Sacerdote. Como perceber que a graça própria do sacerdócio, na Igreja, é antecipar o louvor à Santíssima Trindade, que será perfeito na assembleia dos bem-aventurados, onde o sacerdócio de Jesus Cristo se exercerá plenamente?

1. Em relação ao sacerdócio do Antigo Testamento, Cristo é ruptura e realização plena

1.1. Cristo como ruptura

Os textos do Novo Testamento, exceção feita para a Carta aos Hebreus, de que falaremos a seguir, não apresentam a missão de Jesus na linha ou continuidade do sacerdócio levítico.

* Jesus não pertence a uma família sacerdotal, nem pode reivindicar essa situação. É, perante a estrutura sacerdotal, um leigo. Quando muito é reconhecido por alguns como “Rabbi” (Mestre). Com o desenvolvimento das Sinagogas como o lugar onde se explicava a Lei, esta função de “doutores da Lei”, “rabbis”, que pertencia aos sacerdotes, passa a ser exercida por leigos.

* Cristo assume a crítica dos profetas aos sacerdotes do Templo, sobretudo na defesa da pureza do culto a Deus e da santidade do Templo como “Casa do Pai”, “casa de oração”. Afirma-se, Ele próprio, maior que o Templo (Mt. 12,6) e realiza a purificação do Templo (Mc. 11,15-19). Como já acontecera com os grandes profetas, há um conflito crescente entre Jesus e os sacerdotes do Templo. Este conflito será a causa explícita da Sua condenação à morte.

Jesus sabe e assume que, com Ele, cessa o sacerdócio do Templo, como ele é concebido e compreendido no Antigo Testamento. A ruptura era radical.

1.2. Cristo realiza plenamente a "função sacerdotal"

Os Evangelhos, mesmo nunca atribuindo a Jesus o título e a qualidade de Sacerdote, descrevem o Seu ministério e a Sua missão como realização perfeita da "missão sacerdotal", na sua pureza e na sua verdade, como já tinha sido descrita para os tempos messiânicos.

Na compreensão da Sua missão, Jesus assume o ideal sacerdotal expresso, seja nos Salmos, seja no Profeta Isaías.

* **A santidade do culto a Deus.** No **Salmo 51,18ss** (ler), diz-se que o sacrifício que agrada a Deus é um coração humilhado e contrito. Só esse será um sacrifício de louvor (Sal. 50,14.23). Jesus assume esta visão do culto no diálogo com a samaritana: "Vai vir a hora, e já estamos nela, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade, porque são esses adoradores que o Pai quer" (Jo. 4,23). Filho de Deus feito homem, só Ele garante essa adoração perfeita que enche o coração de Deus.

* **A verdade do sacrifício de expiação.** Jesus aplica a Si Mesmo a dimensão profética do Messias Redentor, expressa em Isaías, nos Cânticos do Servo.

❖ *Ler **Is. 53,1-12** e **Mc. 10,45***

Este texto de Isaías situa-se na linha da tensão entre a missão profética e o serviço sacerdotal. Homens de Deus, os crentes vêm apresentar-lhe os seus problemas para que os apresentem a Deus. E o profeta, que não quer usurpar a função sacerdotal, percebe que tem de se oferecer a si mesmo a Deus pelas necessidades dos crentes. Na última Ceia (cf. Mc. 14,24; Mt. 26,28), Jesus assume esta atitude do profeta que se oferece a si mesmo, carregando os pecados e os problemas da humanidade. Ele sabe que é um sacrifício de Aliança (cf. Ex. 24,8), da nova e definitiva Aliança. Não sendo sacerdote segundo a Lei, Ele assume a função sacerdotal. Ele realiza plenamente o sentido do sacrifício cultural de expiação, no sentido profético. Ele não oferece a Deus "coisas", mas oferece-se a Si Mesmo. Todo o Seu ser é radicalmente um "ser para Deus" e um "ser para nós".

Pela primeira vez na longa história da "função sacerdotal" no Povo de Deus, o sacerdote que oferece o sacrifício de expiação, é também a vítima que Se oferece. Essa oferta do Filho ao Pai, insere-se no mistério da comunhão entre as Pessoas divinas, e retoma a função criadora do Verbo, recriando todas as coisas. Ao oferecer-Se como vítima, Cristo oferece ao Pai uma "nova criação".

* **A perfeição escatológica do sacerdócio.** Já vimos, na Catequese anterior, como, perante a imperfeição do sacerdócio levítico, começa a ser anunciado para o tempo do

Messias um sacerdócio perfeito. Surge mesmo o anúncio de um **Messias Sacerdotal**, para o fim dos tempos.

Podemos certamente relacionar com esta visão escatológica, a designação de “Filho do Homem” como Jesus, e só Ele, se designa a Si Mesmo. Encontramo-la com este sentido da plenitude escatológica em **Dan. 7,13ss** (ler texto). Jesus designa-se, a Si Mesmo, várias vezes como Filho do Homem. Mas a mais solene é durante o Seu processo, em que respondendo ao Sumo Sacerdote, Jesus usa a designação do Filho do Homem Celeste, vindo sobre as nuvens do Céu, revestido de poder, como designação messiânica (cf. Mt. 26,62-66) – (ler texto).

Na Sua última vinda em glória, Jesus inaugurará o tempo definitivo, a assembleia dos bem-aventurados, em que Ele será o único Sacerdote que oferecerá a Deus o culto perfeito, com toda a assembleia dos Santos.

A designação de “Filho do Homem”, que no judaísmo significava o homem, o filho de Adão, no seu paradoxo: pequeno diante de Deus mas que Deus engrandece acima dos Anjos (cf. Sal. 8). Ao designar-se como “Filho do Homem” do tempo definitivo, Jesus afirma também a dignificação definitiva do homem que, em assembleia sacerdotal, oferecerá por toda a eternidade o culto digno de Deus.

2.3. A mediação perfeita e definitiva. Sem se chamar Sacerdote, Jesus realiza, de modo perfeito e definitivo, a principal função sacerdotal, a de ser **mediador** entre Deus e os homens. Essa foi a razão de ser da Encarnação do Verbo de Deus, e assegurou para toda a eternidade essa mediação entre Deus e a humanidade resgatada (cf. 1Tim. 2,5).

2.4. A união entre Palavra e Culto. Ao assumir a “função sacerdotal”, Jesus a Palavra eterna de Deus, volta a restabelecer a unidade entre culto e escuta da Palavra, quebrada, como vimos, no Antigo Testamento, na tensão entre sacerdotes e profetas. Faz parte da “função sacerdotal” comunicar a mensagem divina. Esta é a chave de compreensão da Liturgia cristã: a Palavra e o sacrifício fazem parte do mesmo acto de culto.

3. A Carta aos Hebreus: é o único texto do Novo Testamento que exprime a missão salvífica de Jesus, que, como já vimos, realiza plenamente a “função sacerdotal”, aplicando-lhe a linguagem sacerdotal. Compreende-se, pois trata-se de um texto dirigido a cristãos vindos do judaísmo. Trata-se de lhes mostrar que Cristo, na oferta de Si Mesmo, na Cruz, realiza plenamente tudo o que era anunciado no sacerdócio do Antigo Testamento e o ultrapassa definitivamente.

3.1. Ele não é Sacerdote segundo a ordem levítica. Citando o Salmo 110, situa-o mais na “ordem de Mechisedec” (cf. Gen. 14,18-20). Mas a verdadeira origem do seu sacerdócio é a sua filiação divina, a envolver-nos na sua Encarnação, onde na obediência

amorosa à vontade do Pai, Ele Lhe presta o culto perfeito. Jesus é Sacerdote porque é o Filho de Deus feito Homem, e por isso Ele é superior a David (He. 5,1-10) – (ler texto).

3.2. Jesus é o Sumo Sacerdote da nova Aliança, que ab-rogou toda a lei antiga. Ele é um Sumo Sacerdote celeste (He. 7,26-28), o Sumo Sacerdote definitivo, de que nós precisávamos.

3.3. O Seu Sacerdócio é o do tempo definitivo. O seu Santuário é o Céu, a Liturgia a que preside é a liturgia celeste da assembleia dos bem-aventurados. Nesse Santuário Ele entrou uma só vez e para sempre (**He. 8,1ss**) – (ler texto).

Na Igreja, novo Povo de Deus, que espera a última manifestação da glória messiânica de Cristo, toda a função sacerdotal só pode ser preparação e antecipação dessa Liturgia celeste. A Igreja é peregrina da celebração definitiva. A ela só Cristo glorioso pode presidir.

4. Sugestões para o diálogo:

4.1. Na nossa vivência do sacerdócio, temos consciência que só Cristo é o nosso Sacerdote, que é sempre Ele que preside às nossas assembleias e à nossa vida?

4.2. A Igreja concreta que nós somos sente-se um Povo a caminho da Pátria celeste?

4.3. Acha que na maneira como a Igreja vive a dimensão sacerdotal há algo que nos dificulta essa centralidade em Cristo único, definitivo e perfeito Sacerdote?